

Publicado em 1840
Editor e Proprietario: Pedro da Silva Sena

O ORIENTE.

ANNO 1.

N.º 1.

PERIODICO SCIENTIFICO, LITTERARIO, E RECREATIVO.

PEDRO DA SILVA SENNA.

Numero avulso

1\$000

REDACTOR.

*Não é gloriosa a Nação onde não
brilha a sciencia.*

Semestre 5\$000

adiantado.

Abri as portas do Imperio ás Sciencias e ás Letras: convertei, Brazileiros, vossas Provincias em Academias Scientificas e Literarias, mas legitimamente dirigidas: so entao sera a Nação glorioza e respeitada no Universo.

Senna.

ILEGIVEL

O O R I E N T E .

ANNO 1.

N.º 1.

PERIODICO SCIENTIFICO, LITTERARIO, E RECREATIVO.

H. PEDRO DA SILVA SIENNA.

Numero avulso

1\$000

REDACTOR.

*Não é gloriosa a Nação onde não
brilha a sciencia.*

Semestre 5\$000

adiantado.

O ORIENTE.

*Olhae para um povo onde a moral seja
sã; as letras e as sciencias cultiva-
das; e conclui: Esse povo é um, é
feliz e suas armas são temidas.*

SIENNA.

A sciencia está para o povo, como a victoria está para as armas.

Desde que, Brasileiros, o povo não é cultivado, a Nação não pôde ser feliz.

A sciencia é uma columna onde se prende a Nação, para não ser contra-balançada e submergida nas aguas da anarchia.

É a boia onde se prende a republica, para lutar contra a Monarchia; é a ancora onde se prende a Monarchia, para lutar contra a republica.

Somos um povo, o Imperio é a mão, o piloto é o Estado, a sciencia é o leme.

Navegamos, como navegação todos os povos, como navegação todas as Nações, como navegação os Reinos, os Imperios e as Republicas.

Qual é o porto onde devemos ancorar? É a felicidade, é a grandeza do Imperio até que sejamos temidos por mar e por terra.

Mas como fazel-o? Temos os meios em nossas mãos?

Temol-os sim.

É a dignidade do povo pela sciencia.

No meio de um povo sabio existem todas as profissões.

No meio de um povo sabio se multiplicação as invenções.

No meio de um povo sabio as artes e sciencias se aperfeiçoão.

O que é mais precizo para tornar feliz a Nação?

O voto do povo sabio, é livre; porque elle conhece aonde está o merecimento e que não deve vender o voto por um pedido, que tende á elevação de homens ás dignidades do Imperio, homens que tao sómente se esmerão por satisfazer seo sangue, interesse e paixão.

Ha a gloria do Imperio correspondido á sua existencia?

Não, Brasileiros.

O que significa a queda de um ministerio e a ascenção de oútro?

Por ventura deve passar um ministerio, sob cuja direcção o Imperio marcha?

De nenhuma sorte o podeis affirmar.

ILEGIVEL

Longo o Imperio não marcha.

Longo a gloria do Imperio não é correspondente a sua existencia.

E que convem fazer-se para destruir a equalização do povo e da Nação?

Já vol-o disse :

Sede Moraes; amai as letras e as sciencias.

Sereis então um; sereis felizes e vossas armas serão sempre victoriosas.

Quanto a nós não pouparemos esforços, para illustrar o nome da nossa patria e conquistar a primazia americana, que pela extensao do Imperio á nós nos pertence.

Pelo que vos offerecemos e á vossa apreciação o *Oriente* aonde encontrareis escritos scientificos, religiosos e profanos; escritos litterarios — medidos e soitos; bem como escritos e pedagogos recreativos.

Esperamos, que relevereis os nossos erros, pois que não ha mortal, que não erre sobre o timulo.

O AMIANTE SINCERO.

São horas de minha partida

Bem conheces os motivos, que me commoem a partir, motivos nobres e poderozos.

É duro partir, quando está iniciado o amor e este facto mais commove o coração, quanto o laço que nos prende, não é mera sympathia, nem a eubia da riqueza, nem o agulhão da concupiscencia tão forte que, se não merecera o riso dos doutos, se podia dizer, que é capaz de converter o mundo todo n'um so corpo ou não só a carne.

Mas que fazer? A felicidade humana, é sempre e sempre uma vida retirada e em ser independente dos homens, ten-

do-se tudo o que se faz mister para o bem estar phyzico : mas na actualidade é isso difficil.

Desde que ha meios para fazel-o, o homem deve procurar desfructar uma vida nobre na sociedade : nunca é verdade revestir-se de titulos e dignidades para mececer no animo publico um conceito e indigno do caracter do homem : nunca revestir-se delles para teer e apressar a infelicidade para a patria, mas concorrer para o seo bem estar moral e phyzico.

E que vida mais nobre do que aquella, que se frue a par da sciencia e das dignidades legitimamente merecidas? Opine cada um como lhe convier, o que é certo, é que todos os homens merecem tal ou qual, menor ou maior estima, segundo a estima e apreço, que dao elles aos seus direitos, pugnando pela não lezaõ delles : mas aquelles que juntão á essa estima a estima proveniente da sciencia, são mais reverenciados pela sociedade, ainda que, é verdade, são mais combatidos por aquelles, com cujos caprichos o homem moral não pôde estreitar-se.

Sim . . . não chores . . . o homem côstante é louvado e a mulher côstante merece louvores : mas tú conheces que o homem auzente da patria, cômô a mulher virgem longo do objecto querido, podem passar da côstancia a incôstancia. É verdade que, aquelle não é homem, e essa não é mulher, porque se tanto um, como outro são frages, por isso que são mortaes, é certo, que um e outro tem uma consciencia para julgar da bondade e licidade dos actos, que devem fazer.

Todavia parto e te deixo entre ama-

ras saudades: parto incerto da tua constancia, mas se por ventura algum acto em contrario do nosso amor te fizer esquecer nossos dias friados na primavera; fizer-te esquecer nossos pressupostos, permanece quieta e tranquilla junto do objecto amado, certa de que cheio de algum resentimento não tentarei destruir a tua felicidade.

O que agora dezejo e quero, é que não te seduza o brilho do ouro, nem pungida pelo game da impureza te arremesses contra qualquer batel.

Premedita que, se em certa consideração se torna um ente desprezível e abjecto à sociedade, quando porém se concentra no interior do tecto paterno; quando vive na modesta e seus olhos namorão a só castidade até que cheguem os dias da ventura, a mulher é o ente de mór aprego, que o mortal acha no seio da humanidade.

Traje sêda, tela, ou traje pobre saia, a mulher não deve ariscar a conservação do que lhe é mais caro, pelo dezejo de um consorcio mal começado.

Um homem pelo traje, de que se orna, pela opulencia, em que vive, e pelo supposto amor que elle apregôa, não deve merecer a confiança de uma mulher que se estima: não.

O traje é a mascara da illuzão; o ouro é conquistador de outro ouro e nunca do amor: o amor actual é uma paixão viva, depois da qual vir pôde o amor, mas antes não o é.

Quantas, porque pizarão salões alcatifados, não se deixarão vencer e, quando esperavam libar taças de venturas, não libarão calices de amarguras? O ouro conquista outro ouro, não conquista amor.

Quantas seduzidas pelo supposto

amor não se deixarão calivar para gemer depois na oppressão e no abandono?

Convem que a mulher seja mais cauta.

Não quero com isso dizer, que ella se entregue a um homem pauperrimo, sendo ella pobre.

A fortuna é necessaria para a existencia dos consortes, manutenção e educação da prole: o amor, mais do que tudo, para a felicidade conjugal: a sciencia para uma felicidade gloriosa.

Adeos.

DONDE VIM?

(A seguinte dissertação é tirada de uma obra inédita do Director do Pantheon Cearense, intitulada — O CHRISTÃO VICTORIOZO — e destinada para nella o povo Brasileiro dar á Deos o culto, que lhe convem.

Em tal obra, que brevemente será submettida ao exame pelo diocezano, apresenta o autor tudo o que pôde dezejar qualquer Christão para salvar-se.

A primeira parte ou — Deos e o homem, dividida em muitos capitulos, é um colloquio entre Deos e o homem; nesta parte toma o autor ao homem na infancia e mostra lhe tudo o que deve fazer para ser feliz, fazendo feliz a Nação.

A segunda parte ou — A Igreja e o homem, é um colloquio entre a Igreja e o homem: methodos para a Missa; para a Confissão; Orações para de manhã, para a noite, para a Communhão; Epistolas e Evangelhos das principaes festividades; meditações, eis o que contém nesta parte.

A terceira em fim ou — Maria e o homem, é um colloquio entre a Mãe

de Deus e o homem: ganhar o coração do homem mediante a grandeza das virtudes da Religião Christã, é o fim á que se o autor propõe.

O estylo varia: e o autor muitas vezes rivaliza com o propheta Jeremias e Izaias no estylo soberbo ou grande.)

Levanta teos olhos aos Céos, e contempla a magestade daquelle que é no Throno Eterno.

Te esquece ao menos por um momento das grandezas humanas e volve teos olhos ao throno da immensidade.

Quem vês ali cujo a voz é sempre doce e cujo o throno se não commove?

Quem é que ali admiraes raliante de misericordia e de uma bondade, que se estende desde o terceiro firmamento até os confins da terra?

É o Architecto cujo o dedo delineou o Céu e a terra; é o tres vezes adorando e augusto Deus.

Ouve-o, ó filho dos homens:

DEOS. — Meo filho, se consideras a tua origem primitiva, o tronco primitivo, pela vontade do qual existio o primeiro homem; eu o sou.

O Céu, a terra, a luz, os astros, as reptis, as aves, tudo estava creado, quando eu disse: Faça-se o homem, e o homem foi feito.

O barro tomou a minha voz, nova forma, mas o corpo não tinha vida, pelo que soprei sobre o corpo e o meu sopro foi vida para elle.

Assim criei o homem, ao qual enviei um profundo somno, durante o qual tirei-lhe uma costela, da qual formei o corpo da mulher, dando-lha uma alma semelhante a do homem.

Tal foi o principio das gerações do orbe, das quaes tiras a tua origem humana.

Se porém consideras a tua origem

actual, ainda que teos paes são creaturas humanas, com tudo isso, eu o sou pelo consentimento e vontade que elles te gerassem.

Podem por ventura dous esposos casar-se, se não agrada-me o seu consorcio ou se ao menos não consentir eu, que se elles cazem? Não.

Assim não pôde ser gerado, nem nascer da mulher, aquelle cujo a geração e nascimento não tem sido obra da graça ou do consentimento Divino.

Demais: Se uma vez gerado e nascido ficasses sujeito aos accidentes da vida e os cuidados de minha providencia se não estendes em sobre ti, acaso ainda vivirias?

Poderia por ventura tua mãe quebrar os agulhões, com que a natureza ferir costuma o filho dos homens, se eu não prezidisse nos teos passos?

Premedita, meo filho, que a fonte, o tronco donde provieste, eu o sou.

Premedita e te não esqueças em tempo algum de tão bella e rica origem.

Como vão as ovelhas ter junto as correntes do rio, assim suspiro, que venhas ter junto as correntes da minha graça, quando tiveres o coração cheio de agouias e a alma repassada de tristeza.

Eu sou teu paé, o qual não tem si não amor pelo filho.

O Homem. — Vem á mim, ó pastor suave, que é todo complacencia com o Filho

DEOS. — Vem, meo filho; eu sou a origem donde vieste e serei teu guia.



O ESTADO — OS BISPOS E O CLERO.

Indubitavelmente se não pôde sustentar que o Brasil se cubra de gloria, quando fór commemorado entre as nações diversas do globo de gloria não digo absoluta, porque essa, todos sabem, que qualquer povo tem mais ou menos extensiva na razão de sua marcha interna e externa: mas fallando d'aquella gloria relativa que exigem a existencia e a extensão do Imperio brasileiro, ainda que o faça contra o sentir de muitos embora ministros e magistratos, não posso convir com aquelles em que a gloria hoje retardante para o Brasil esteja em proporção com o tempo da existencia do Imperio e a extensão deste.

Sim, brasileiros e homens de todas aquellas nações ás quaes chegues a fama de nossa palavra: é indubitavel o pensamento e os factos que costumam paralizar o progresso do povo devem ser já por vós conhecidos: e quando não o fossem bastava chegar ao vosso conhecimento a existencia de duas politicas, porque onde é que existem duas politicas sem retrogração da felicidade do povo?

Não o ha e nem vós, nem os magistrados de nossa Nação, por mais eruditos e doutos que se fação, poderão sustentar que caminha a Nação e prospera a felicidade, onde o povo se divide em dois povos pela politica.

O que significa a queda do ministerio pelo Imperante; o que significa a ascensão do novo ministerio pelo Imperante? Bem estais e por demais convictos que não deve passar aquelle ministerio que, não direi boia, mas se tem constituido piloto cabal e ouzado, em cuja mans confiança o lema da Nação,

está ainda no meio da Anóxia, já proclama celta, e breve a sua chegada ao porto, que outro não é stão a felicidade e a gloria humana, mas mori.

Deixando por éda de parte que o Brazil está atrasado nos seus desenvolvimentos phyzicos e intellectuaes, porque isso é claro como o sol no meio dia ouzemos perguntar: Quem corre actualmente para o atrazo da Nação, o estado ou o clero?

Sem duvida alguma se deve confessar que o mal da Nação resulta do clero, ou antes tantos são os primazes da Igreja Brasileira, ta tos são com pouca ou nenhuma excepção as origens retrogradantes do Imperio.

E de feito? Não resta duvida. Os padres são mediadores entre a Divindade e o povo: aprendem na lei eterna, e infallivel qual é aquella dictada pelo oraculo da verdade, ergua la pelos apóstolos e confirmada pelos consill s que uma sancção existe eterna, a qual nos dicta tambem a razão ou a philozophia, em virtude da qual, em quanto um ouvem uma sentença de vida para não mais morrerem, outros ouvem uma sentença de morte eterna.

Os padres são estabelecidos para brilhaem como fochos da fé, da esperança e da caridade no meio do povo e em qualquer lugar que elles appareção: são enviados para pregar a existencia de um Deos, da espiritalidade da alma, da immortalidade, de uma sancção eterna; são enviados para serem exemplos da justiça, da sobriedade, da candura, da pureza, de todas as virtudes altamente recommendadas pela Religião christã: são enviados, digamos o brevemente, para pregar a verdade aprofundando-a nos animos mediantes não poucos e continuados exemplos.

Ora, não é por ventura o homem e um ente ensinado? Não se inclina elle facilmente para onde se o conduz? Como o velho não é elle cheio de curiozidade? Não é avido da gloria? Onde tem a virtude mais facil accesso no coração já corrompido e enconchado pela sêde do ouro ou no coração da infancia, ainda não pungido do aguilhão deste veneno?

Se bem conhece de quanto apreço é o homem creado e alimentado desde a infancia no leite da Religião: é um homem justo, probo e respeitador da sociedade humana: muitos o procurão para que se deliberem, os pequenos buscão-no para que se resolvão e os nobres para que o apreciem.

Ora, é facil vêr-se o que é a sociedade feita de homens probos e conduzidos por homens que se não aberrão da Religião.

Constituir assim um povo, é constituir um povo feliz e uma Nação luvçada pelas outras Nações: mas se tambem deve dizer, que é propôr um estado de coizas quazi todo hypothetico, quazi sim, porque na sociedade humana ha meios que empregados, não direi as gerações, mas um povo está mudado: passada uma geração ou cem annos a paz e a dignidade do Imperio são correspondentes a extensão do Brazil.

Isto é exacto, as asserções são inquestionaveis e a illação é logica: um povo probo e religioso é sabio e feliz.

Mas porque o Brazil não o tem sido? Deve ele o seu atrazo aos padres, ou aos bispos, ou ao estado? A resposta é affirmativa e geral: deve o seu atrazo aos padres, aos bispos e ao estado e logicamente ao estado só.

Vejamos:

Ha pouco mostrei para que forão os

padres estabelecidos e citei o pensamento do escritor Europeo que o homem é um ente ensinado: quem quer pois que seja bem concebe as consequencias que traz à Nação e à sociedade aquelle que é chamado para o sacerdocio e faz morada nas portas da santidade.

A sociedade geral ou nacional é um corpo ensinado; é um corpo com destino; é um corpo tendente á felicidade, a qual ou se considere sobre o aspecto Divino, ou sobre o aspecto humano, tem um horisonte onde ella assoma, — o padre.

Os vícios que a sociedade condemna como repugnantes com a sua existencia e pune, cessam de existir quando a Religião impera e obra no coração dos cidadãos; a religião impera e obra no coração dos cidadãos, quando estes voltados para o conspecto dos ministros eternos ouvem e põem em obra a palavra da verdade; elles ouvem e põem por obra a palavra da verdade, quando os ministros eternos pregam, mas não com fugidos exemplos a doutrina que foram enviados para pregar.

Ora, nós temos um corpo de nação, mas temos um corpo de padres?

Temos um corpo de padres, mas temos um corpo de padres sabios e religiosos de tal sorte que elles sejam cada um, um vaso da fé, da esperanza e da caridade? Não temos um corpo de padres tal qual se faz preciso para a aquisição e manutenção da felicidade quer divina, quer humana: temos um corpo de ministros negociantes; um corpo de destruidores da vinha eterna; um corpo finalmente que capitulam nos combates da carne, quando deviam sahir delles victoriosos.

O pontifice da fé catholica mostron a um dos chefes da Igreja brasileira

tristes sentimentos pelo estado actual da clero do Brazil, o que sem dúvida bem comprova, feita a excepção; mas assaz restricta, a dissolução do clero.

Lugo este é a base, ou ao menos uma dellas que concorrem para o atrazo do imperio.

Resumamos tudo:

A nação que tem um clero nobre, tem paes e lucidos e nobres; a nação que tem paes educados e nobres, tem filhos educados e nobres; a nação que tem filhos educados e nobres só tem cidadãos que trabalham para sua felicidade; logo a nação que tem um clero nobre e tem cidadãos que trabalham para sua felicidade; logo uma nação que não tem um clero nobre não tem cidadãos que trabalhem para sua felicidade.

É que nos vemos no Brazil apesar do numero limitadissimo de padres dignos de elogios, porque foram chamados á missao maxima não por fins humanos, mas por vocação Divina.

(Continua).

A EDUCAÇÃO E A FELICIDADE DO IMPERIO.

Senhores, nada se concebe no intellecto humano mais nobre e mais grandioso do que seja a educação tão entre os homens desejada, mas infelizmente mal cultivada.

Que vedes em torno de vós? Vossos filhos. Que adiante dellas? A prosperidade do imperio, o Imperio a fazel-o o mais poderoso entre as potencias do mundo.

Sim, procurar e não só procurar, mas fazer que o espirito supere a mortalidade até que tome o voo para a terra da vida; eis aqui a primeira das obrigações humanas; mas como fazel-o?

Um imperio que nós temos confiado aos desvelos de um homem, é tambem confiado aos desvelos de cada cidadão; nem os desvelos daquelle terão effeitos si cada cidadão não concorrer para o bem commum da Nação.

Render perfeitamente culto a Divindade, mas fazel-o cada cidadão no ministerio humano é chamado pela Providencia; eis a segunda obrigação hossa, e é que a execução inseparavel destas obrigações não constitue uma só a mais nobre das obrigações que se concebe no mundo moral.

Não tem sido ella posta em pratica; as gerações se succedem; os homens se dividem e a mais certa consequencia da politica é a anarchia no meio da Nação, seja qual for o rovo governo que succede á luta da espada contra a carne.

Por ventura a monarchia não pôde fazer feliz o povo; prosperar o paiz; celebrar a Nação e fazer o imperio tímido por mar e por terra?

Porque buscar o passamento e a effusão de tanto sangue só pelo desejo da republica quando a justiça e a caridade podem florecer a luz da monarchia?

Por ventura se pôde sanar os prejuizos da monarchia pelo assomo da republica e se não pôde fazel-o firmando a monarchia sobre a justiça e a caridade?

Examinai, senhores, as resoluções dos politicos e fcareis convictos de que ellas tem origem na educação da mocidade; ali encontrareis a frente de tantas peripecias porque passamos.

Temos um territorio, um povo, uma mocidade, porque não termos um culto e um ensino?

Dir-me-heis que temos um culto e um ensino: sim, mas não temos um

ensino de culto e um ensino de ensino.

Pergantai aos nossos perceptores que é que os leva aos títulos de mestres a ambição do outro, ou a ambição da gloria?

É verdade que elles responderão:

Nós ensinamos movidos pelo desejo da gloria: é o desejo de sermos uteis á patria que nos coage á tão dura quanto espinhosa tarefa.

Coitados! no entretanto não veem que seus labios traduzem o estado de seus corações e que seus olhos annunciavam a vehemencia de suas paixões!

Deixadas de parte as raras excepções, onde estão os mestres que ensinaram no recinto da aula e não contradiceram mais cedo ou mais tarde o ensino com os actos de seus frequentes e immoraes actos?

É força confessar que os títulos hoje conferidos de mestres enriquecem a bolsa de dinheiro, mas não enriquecem o alumno de religião e de sciencia.

É será que estes inconvenientes sejam motivados pelo governo ou pelos seus plenipotenciarios? São questões que não convem aqui discutirmos: o que só temos em alvo é sustentar que a indeffectibilidade e grandeza do imperio onde naemos dependem da educação.

Esta é o ensino e arraigamento da religião e da sciencia no coração e no intellecto da mocidade.

Seja ella posta no tempo conveniente na vereda da sabedoria; abra os olhos á luz da Religião e das letras antes de conhecer o vicio; escute de seus paes os pios conselhos que lhe devem dar e de seu mestre a verdade e a palestra que tanto influe nos destinos da humanidade e principalmente no animo da mocidade que facilmente se inclinará ás letras e aos bons costumes, se estes prece-

derem a inclinação do vicio: teremos então um imperio e um povo pela educação, um imperio na vanguarda das nações

É verdade que na actualidade será mais facil fabricar-se humanamente um globo suspenso no ar do que regenerar o povo pelos principios da educação; todavia qualquer empresa para a regeneração pôde dar bons resultados.

Todos estes principios são claros, e nós coactos para concluirmos que a felicidade de um povo depende da educação.

(Continua).

ROMANCE.

SACRIFICIO E FALSIDADE,

Original de — Pedro da Silva Senna.

CAPITULO I.

A PARTIDA.

Eram as horas, em que cessam o trabalho os lavradores e as aves trinam aproximando-se de seus ninhos, quando Julio dirigindo-se aos vergeis de sua sempre frequentada habitação encontrou Ignez sentada no muro de um canteiro, a qual tinha a cabeça descansada sobre uma de suas mãos.

É para notar-se qual não devia ser a mutabilidade de seu coração, quando deparou com aquella que era o enlevo de sua alma, o sorriso de seus dias ainda innocentes e o inicio balbante de seu futuro, mas n'um estado que revelava triste e melancorico o coração da amante. Julio e Ignez haviam nascidos ambos em uma primavera: eram enriquecidos dos donativos da natureza, e o riso, a formosura, a coincidência de nascerem ambos em um mesmo

dja, suas relações infantis, tudo faria facilmente algum observador atilado e profundo, pensar que estes dous corações eram pela natureza destinados para serem um dia dous vasos crystalinos do amor; assim como fal-o-hia erer que, nascidos para a felicidade, teriam de passar pelas angustias que costumam preceder ao gozo da ventura.

Foi sincera a supposição de Julio, mas Ignez não era affecta la por desprazer algum: contemplava os movimentos incessantes do mar, e iniciava a sentir desejos de percorrel-o, tanto que ao vêr o companheiro dos folgados lhe disse: Quando percorrermos, Julio, a extensão dos mares?

Julio que era prompto em responder a tudo, sobre que lhe interrogava a amante, então ouviu a sua pergunta, mas ficou em silencio e começou a colher flores.

Si bem que visse que ella não era predominada de sentimento algum triste, antes pelo contrario estava alegre, sentia o quer que fosse no seu coração que não podia explicar.

Era o tempo em que o sol estava á entrar no occaso e o Céu coberto de nuvens cujas cores se assimilavam ao diamante.

Ignez canta como de costume, mas presente entristecer o coração de Julio á ponto de divisar em seus olhos unhas como que agoas.

Que sentes, Julio?

Nada.

Nada! pois eu canto e cada vez mais te entristeces á ponto de chorar! tu tens alguma cousa que te magoa.

Sinto, diz Julio, entristecer-me, mas de que seja este presagio, eu ignoro.

É seisma: vamos a margem do oceano.

É já noite.

Mas que importa, diz Ignez; não ha lua?

Ignez procurava desarcebar o coração afflicto, mas em vão o faria; por quanto, apenas acabava de convidal-o para descer até as margens do oceano, chegou Laura avisando-lhes que o chá estava á meza.

Viver, mas fazel-o soffrendo irresistivelmente os revezes da natureza humana é proprio do homem; mas ser combatido n'uma idade ainda tenra... ah! é ter nascido para ser desventuroso.

Mal sabia Julio que o que lhe era occulto, o que tanto o affligia tinha de ser patente.

Estava á meza quando sua mãe lhe disse: Julio, tens de partir amanhã para Berlin.

Ao ouvirem estas palavras Julio e Ignez se olharam instantaneamente, e como as lagrimas acompanhassem a estantaneidade de seus olhares, curvarão a cabeça.

Ignez procurou reprimir a magoa e suffocar o suspiro, mas ferida gravemente pela noticia da ausencia que devia ter lugar no dia seguinte, soluçou.

Então sua tia, em cuja companhia ella estava e cujos carinhos eram maternos, lhe disse:

Porque choras, Ignez? Julio seguirá amanhã para Berlin, afin de estudar as letras e receber titulo em algum ramo scientifico, sem o qual não poderá figurar de um modo brilhante na sociedade.

O estudo é o começo da sabedoria, e o homem sem sabedoria é semelhante á uma terra inculta, da qual nada pôde esperar o agricultor.

Paciência e consolo! os annos passarão e elle voltará então mestre da vida e capaz do titulo de pai.

O pai que antes de effectuar o seu consorcio não tem cultivado o seu espirito, se compenetrado das leis moraes, que devem pol-o em relação consigo mesmo, com a sociedade, com sua esposa e mui principalmente com Deus: que se não tem antes compenetrado das graves obrigações, que elle assume pelos hymineus; do amor summo que deve ter aos filhos; o qual se consumna, quando elle eleva á alguma dignidade; quando lhes dá essa ou aquella profissão, de conformidade com o seu bem estar e a vontade moral d'elles, não ha bem pensado em deixar-se cahir ante os laços do amor.

A sociedade está junçada de malficadores, assassinos, ladrões e de muitos outros homens sicarios, bloqueadores do bem estar das sociedades familiares.

Qual é o motivo porque existem tantos homens perversos, si não porque teem possuido illegitimamente o titulo de pai?

O pai que não avalia antes de ser pai as obrigações que assume pela paternidade; que não concebe justamente seu dever para com seu filho; que se casa p' o amor ao dinheiro; não pôde educar seu filho com moralidade e este seguirá provavelmente seus vicios.

Julio vai educar-se e voltará, se o quizer a Providencia, para sua patria: voltará então digno do consorcio.

Ignéz, emquanto sua tia lhe fallava desta sorte, teve o se nbaixate baixo não cessando de chorar e da vez mais fortemente: ao mesmo tempo que Julio convertia seus olhos em duas excrecencias.

Desde então ella não teve quem re-

temperasse as suas magoas e apartou-se silenciosa para o seu cubiculo aonde, augmentando-se mais a sua dôr com o silencio da pavorosidade da noite, deu amplo circuito aos seus suspiros de sorte que o ruido do choro ultrapassava as muralhas do seu quarto.

Nesse entretanto banhado em lagrimas por isso que se não esquecia de que no dia seguinte havia de separar-se irresistivelmente do tecto materno, Julio ouviu q' um como ruido de choro se quebrava na porta do seu quarto.

Recorda-se de Ignéz, instantaneamente pensa que talvez seja ella que ferida pelo amor e pela saudade venha derramar junto do objecto querido as lamentações de sua dôr pelo que abre a porta do quarto, mas não encontra, nada ouve si não o ruido do choro da virgem, o qual atravessa as escuridões do corredor para acabar de pungir o seu já afflicto coração.

Ah! é ella!... é ella que nem sequer dormitou ainda; é ella á quem o desprazer ha roubado o somno, diz elle: e mais do que nunca permanece inquieto suspirando o assomo do crepusculo para rever talvez pela vez derradeira aquella que fizia superabundar o prazer do seu espirito.

É preciso nota-se que aquelle coração tão dilacerado pela idea da ausencia não se ainda havia lembado de casar-se com Julio, se bem que o amor todo fraterno deia para com elle era o crepusculo do amor conjugal, do qual por ser ella innocente não cogitava; não porém assim o coração do amante que era um alar onde ardiam as flamas crepitantes do amor, germen do consorcio.

Falou por fim o dia desejado, mas Ignéz não sahia de seu quarto, de cu-

jas janellas aproximando-se contemplava o paquete que fumegava alem, e chisrava d' sapiedadamente.

Foi nesse entretanto e quando já o sol estava aproximando-se do zenith que Julio appareceu a Ignez :

Sao horas de separar-me de ti, disse elle.

Ficou então extatico mas depois :

Este momento é o mais triste de minha vida, porque partir sem levar-te ; partir sem levar certeza de voltar ; partir sem certeza de encontrar-te é suportar tao dura agonia que outra igual se não concebe : mas que fazer sino attendar para os desejos de minha cara mãe ?!

Ella não quer romper, fazendo-me seguir para Berlim, os ólos que nos lão prendido até aqui.

Ella conhece meus presuppstos, nem se oppõe á que sejas tu minha consorte : o que quer, o que ella ambiciona, é que eu primeiro cultive as letras para então dispor-se.

Ella pensa bem, minha cara Ignez.

Quando se póde, quando a fortuna pro ege, não ha hymen tão venturoso quanto aquelle, em que a filha, a conjuge recebe por esposo um homem docil, morigerado, bello, favorecido da fortuna e rico de sciencia.

Ditosa, minha cara Ignez, aquella mulher que acha um esposo em taes circumstancias.

Ella, por certo, tem achado um presente mais fino do que o ouro, e de maior estimação do que o diamante, disse elle.

Então Ignez chorava sem parar e tendo por sobre seus hombros recostada a mão do amante lhe perguntou, fallando com a voz entrecortada pelos suspiros :

Não pretendes voltar ?

Pretendo.

Morreram tuas esperanças de tornar á ver-me ?

Não, mas não tenho certeza por que (quem do tumulto nem tudo é infallivel.

Descortno, diz ella, não pretendes voltar mais a patria, pelo que patientes as qualidades sem as quaes não d'vo casar-se.

Não, Ignez ; o que acabo de dizer-te é com relação a ti, se porventura a morte tragar-me remoto de ti : mas não que eu esteja resoluta a não voltar.

Attende ao que te digo, se porventura a morte entrepozer-se como barreira eterna entre ti e mim : de outra sorte não.

Não esqueceréi meu berço, nem de ti emquanto durar-me a existencia.

Enxuga a tua frente e dá-me o abraço e o beijo da despedida :

Adeus, minha cara Ignez.

Ignez abraçou o amigo da infancia, chorou sobre seus hombros e lhe disse entre cortados suspiros o mais terno—adeus.

PORQUE CHORAS ?

I

As fertels terras da patria,
Os altos e patrios montes
Que deixei carpindo magoas,
Me fazem chorar saudozo ;
Carpir estando eu sozinho
Acres saudades do ninho,

Não ouço os ternos accentsos,
O trinar das aves ternas
Que cantam ou perto do estio,
Ou manhãs corram hibernas.

Não vejo aos ramos sentada
A ave ao amanhecer,
Saltando terna ao canto
Dizendo terno — soffrer.

Ja se vam mais de dous annos
Que vivo da patria aquem;
Não ouço o trino das aves
Que bellos a pat la tem.

Não ouço o doce gorgoejo
Que modula o sabia:
Supponho mesmo que aquil
Tão bella ave não ha.

Não mais vejo as patrias aves:
Suspiro estando sozinho;
Carpo pranto de saudades
Pela ausencia de meo niho.

II

Não vejo o soberbo templo
De gothica architectura:
Nem mais a unisona orchestra
Que alli tanto atura.

Não ouço a voz franciscana (1)
Que no pulpito retumba;
Ou cante a heroica Cecilia
Ou pranteé morto na tumba.

Não vejo o cimo da cupla (2)
Que veem os nautas primeiro
Antes de vér a Bahía,
Ver meu selo hospitaleiro.

Nem tambem a cathedral
Onde mira se o marmore,
Onde a voz do pastor pio
Pregando a lei da verdade
Prega a lei da caridade.

Não vejo o templo grandiloco (3)

(1) Alludido a um dos eximios oradores Brasileiros.

(2) É a cupla da abbadia de S. Bento.

(3) O de Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Cujos muros são de marmore,
Onde a noite é mais dia
Que quando o sol i radia.

Porque não vejo o patrios templos,
Choro remoto e sosinho;
Carpo saudades amargas,
Choro a ausencia do niho.

P. S. Senna.

O AMOR.

O amor com a velhice cresce.

Do Autor.

Quazi além me vejo do-te mundo,
Quando a viração de azena tarde
Um sorriso solto em face virgea
Em arroubos me põe o pensamento.

Nem ha mortal que em clara tarde,
Ou em manhã doce e porporea,
Ao assomo de puro e virgem riso
Não se proste sorrindo de venturas
Ante aquelle mortal, te reno anjo,
Ser que com um sorriso só captiva.

Nem possivel é, humanidade,
Que quem os olhos a luz abre do mundo,
Em passando quatorze primaveras
Não tenha em alvoroto o peito seu.

Basta passarem dez, dez tão sómente
Subidas e lucentes primaveras,
Reverberos do amor alumiantes
Ja no peito começam alumiare.
E o que é que um va-o ta la inucente
Toca, o abala e o comprassa
Que como extasiado um riso solto
E um como prazer no peito gyra?

Deixemos o mortal no seu co-neço
Onde no olhar firme, um gesto extrahido,
Começa a agelamar que um pensamento,
Um desejo no peito que se augmenta,
O toca, o fere, o qual arrasta
O mortal sem sentir nos bymíneos.

Um pouco, um pouco além apreciemos
O mortal da insoute mocidade
Onde o peito transborda de amor
E capta de amor uma donzella.

Qual vem depois de densa escuridão
O dia alumiar o altivo sol.
Vem apoz a infancia a rubra idade.

Então o que se torna o coração?
Que se torna tão estreito, quanto grande,
Esse vaso mortal que tantos amam?

Maior, mais infinito que o oceano
Mas as aguas qu'óra sobem, óra descem
Em montes, em rolos alterosos,
Não são como as aguas do Pacifico,
São aguas divinaes, aguas de amor.

Que ser ha pensante ou viador
Que no coração não sinta um dia
Alada flamma proporeções tomar,
Prognostico de um consorcio santo?

Um só delles não existe e, se existe,
Quazi elle com o nada se confunde.

Daquelles que na ara sacrificam
O immortal Rei dos eviternos anjos,
Não sei, se ha um que sacrifique
Que não tenha sentido arder no peito
Uma flamma fatidica de amor.

Quantos ha, mil que sejam, presentirão
Os arroubos do amor que, como o ar,
Não ha parte na terra onde não cale.

E felizes aquelles que deixando
Poucos as paixões, o mundo, a carne
Depois de fruir a carne illicita
Temendo a Deus constante pugnam
O mar das paixões effervecente.

O homem para o amor é como o pezo
Que para pende o terreo centro;
O amor para o homem é como o sol
Sem o qual o mortal, os seges passam.

Digam o que disserem, um só não ha
Que viva, que navegue sem sentir
Essa rubra flamma archangelina.

E o que é, o que é que significa
Tão buscao e desejo amor?

Por ventura será esse desejo,
Essa inclinação á torpe carne
Que abala, arranca, que destroe
A fraca eiz randa humanidad?

É esse não sei que, esse desejo
De confundir por fillos bymineus
Dous corpos n'um em uma duas almas.

É uma (Que dizer bem posso creio)
É uma inspiração vinda do alto
Que toca dous estranhos corações,
Os quaes de improviso se conversam
N'um só virgineo olhar cheio de pejo.

Oh! quanto ascenso tem ao humano peito
O cubicado amor tão desejado!
Quanto é elle tão rico e prepotente
Que duas n'uma só confunde alma!

Não passa qual tormenta em alta noite
O desejado prepotente amor:
Mais um outono passa e outro vem,
Mais o amor se conforta e robustece.

Aquelles lá deixemos que dormitam
No prejudicial leito da auricidia,
Os quaes avidos de auriferos hymineos
Não conhecem, não libam da ventura
A taça do amor diva e purplea.

São homens que violam a sã moral
Que se casam, se pugnam e se acabam
Cegos de opulencia e ebrios nella.

No emtanto assim não é quem enamora
Ebrio do amor dado em um riso:
Em dous castos olhares que se pejam;
Em dous castos olhares que não passam.

Senna.

QUE FARIA EU SE MORRESSES JÁ?!

Não fujas, virgem, pre me escuta
(bella:
Quem seria eu, que faria vendo,

Pallida a fronte e teu sorriso morto,
 Teus paes descereem
 Teu corpo isempto de tua alma pura
 Ao chocando, indesejavel tumulo !?

Gelido horror me pertubara a alma,
 Se souisses sob o lar qu'è nosso :
 É ella , é ella que expirou agora
 Que, ha pouco, te sorrindo bella
 Os risos permitou em ainda carne.

Nem mais um canto, um hymno nem

(mais

Minh'alma mesta desferira então :
 Curvado em terra e o pensamento em

(Deus

Duas, duas lagrimas verteria
 Saudades d'uma alma crystalina,
 Tornada junto à Deus archangelina.*

Sim, ó mistica rosa, que, bem perto,
 Ao ramo presa donde tu vieste,
 Arrouba dia e noite o pensamento
 E em amor o peito meu accende.

Levantando então, correrá aligero,
 E beijando a fronte que amei com vida,
 Um tumulo, um tumulo, eu tóra

(prestes

À dar aquella que amei querida.

E sobre a lousa te occultando eterno
 Lagrimas derramara de saudades
 Suspirando tambem descer ao tumulo
 Para ir te vêr na eternidade.

==
 AMOR VENCIT OMNIA.

Voz.

Vinte e tantas suaves primaveras
 Em sorrisos frui no chao da patria
 Sem voltar de amor um só suspiro,
 Sem sentir no peito ignea flamma,
 Com que dous se confundem peregrinos
 Amores perfreindo purpurinos.

Rutilavam da noite os astros claros :
 Pela abobada da porta rebouam

Os echos do clarim da tenue flauta :
 Ouviam-se co'elles o som das virgens,
 No entanto não marco ali um dia
 Que cont' o amor lutando eu me via.

Deixei da cara patria os altos montes,
 O assomo do Bahiano, patrio sol
 E as plagas deixando que o estrangeiro
 Buca da provincia, que é primeira
 Em antiguidade e na sciencia,
 Não senti de amor a effervescencia.

Visitei a Veneza americana

Onde correm as aguas que são bellas
 Do fallado e gentil Capeberibe :
 Nem ahí despertou de amor a lyra ;
 Nem me lembrei do amor siquer
 Que o aureo encanto gera da mulher.

Aqui ante as aguas do Atlantico.
 Assomaste qual assoma a lua,
 E em terno olhar inda virgineo
 Espalhaste de amor os puros raios
 Que de amor minh'alma captivando
 Me fizeste de amor um cultor brando.

Não durmo, nem descanço : em teu

(semblante

Tenho constante prezo o meu olhar ;
 Volto tão constante o nome teu
 Á mim, a minha mente tão fagueira ?
 Que jazendo tão longe quem querida,
 Me parece á mim já vel-a unida.

Não durmo e ainda o somno dando
 Ao fragil e cansado corpo humano
 Revejo por entre espessas trevas
 Tua imagem subir a mente minha
 Derramando augusta aureo riso,
 Como se o dera em paraiso.

Senna.

==
 Se der longe da patria o meu suspiro ;
 Se morrer longe delta.

BENNA.

Não me excitara prazer a cor do lyrio ;
 Não sentirei prazer em flor tão bella :

Se morrer em plagas estrangeiras ;
Se der longe da patria o meu suspiro ,
Se morrer longe della.

Não me dará prazer o ceu que miro ,
Não dará que me alegre a cor singella :
Se morrer em plagas estrangeiras ;
Se der longe da patria o meu suspiro ,
Se morrer longe della.

Não voltará a manhã que admiro ;
Não surrirá a luz qu'ella revella :
Se morrer em plagas estrangeiras ;
Se der longe da patria o meu suspiro ,
Se morrer longe della.

Não terei prazer do ar que aqui respiro ;
Os risos murcharão e a vida bella :
Se morrer em plagas estrangeiras ;
Se der longe da patria o meu suspiro ,
Se morrer longe della.

Descerei infallivel para o tumulo
E mãi , irmãos , de dôr hão de chorar :
Se morrer em plagas estrangeiras ;
Se der longe da patria o meu suspiro ,
Se morrer longe della.

NÃO ME AMAS !

Amo-te , ó bella ,
Como amo a vida ;
Como amo a paz ,
Que me é querida.

Amo-te , ó bella ,
Como o nauta o mar ;
Como o cego a luz ,
Como o prezo o ar .

Amo-te , ó bella ,
Como o sceptro o rei ;
Como a mãi o filho
Como o nobre a lei .

Amo-te , ó bella ,
Como o anjo os céus ;
Como a ave o ninho ,
Como o justo a Deus .

E não toca , não punge-te o peito ,
Esse amor que em minh'alma referve ?
Nao te toca , não move esse amor
Que não punge , não rouba o pudor

Era rubra , bem rubra a aurora ,
Quando elle meu peito assaltou ;
Augurando momentos de vida
Entre os risos da vida querida .

Era a tarde : o relento corria ,
Quando vi-te movendo garbosa
Meigo riso , um olhar que facina ,
Sobre a face gentil purpurina .

Hesitar eu nao poude ; te amei
E de então para cá confrangido
Pelas flammas de amor crepitantes
Juro as flammas serão bem constantes .

Não me amas , não move-te á falla ,
Essa flama constante não move-te ?
Jura , ó virgem de amor captada
Por outro amante não ser conquistada .

S.

PALAVRAS

*Por meio das quaes foi por um Bahia-
no saudado o immortal dia — Dous
de Julho.*

Vencestes hoje , ó patria , os duros
grilhões , em que gemiam teus filhos .

Quebrastes os duros ferros , entre os
quaes teus irmãos já livres pelo brado
do Ypiranga , viam curvar-te suspiran-
do a luz da liberdade .

Foi hoje , preclara Bahia , que teus
athletas soltaram entre espessos fumos
o echo da victoria .

Foi hoje que teus filhos exclamaram :
Somos livres e teus montes quasi atton-
nitos pelo brado da victoria e liberda-
de pareceram estremecer de jubilo .

Ergue-te agora mesmo para o ponto
onde o sol parece estar mais remoto da
terra , para que te vejam teus filhos .

Sabe além do teu horizonte afetu de que tantas provineças, tuas predilectas filhas, vejam os homens de todas as condições reunidos n'um só corpo commemorando o dia mais entusiastico para ti.

Deixa verem ellas tuas subidas galas e escutarem os estrepitosos vivas do povo sacralando o immortal dia.

Sabe, patria minha, Augusta e tão veneranda, quanto o mundo, para onde o sol se eleva.

Pareço ouvir longe de tuas aguas repetidos echos, como de trovões e o retinir alegre e maravilhoso dos bronzes.

Sao teus canhões e teus sinos venerandos que annunciam o dia, em que a luz da liberdade clareou o chão Bahiano.

Não ha dia maior para ti, para minha, para o Brazil.

Disso me ufano, doce patria.

S.

ATTENÇÃO.

A rapidez com que exigiamos a publicação deste — periodico — não nos permitiu tirarmos segundas provas, pelo que acharão assignantes e leitores alguns erros orthographicos, grammaticos e de linguagem, que corrigiremos depois. Os periodicos seguintes serão publicados isemptos de todo e qualquer erro, e em papel albasso e serão ornados de escriptos de diversos escriptores.

O redactor.

TRANSCRIÇÃO.

A AGUA.

Entre as substancias que de ordinario se encontram liquidas na superficie da terra, occupa a agua o primeiro lugar, tanto por sua abundancia, como por sua utilidade.

Se a agua nenhum ente organizado

pode existir, por isso os antigos que haviam considerado esta substancia como um dos quatro elementos, lhe attribuiam a formação de todos os corpos: provaram todavia as esperiencias de Cavendish, Lavoisier, Monge e muitos outros physicos entrarem na sua composição duas partes de hydrogenio e outra de oxygenio. A agua é pezada, transparente, sem gosto, sem cheiro e elastica, se bem que de pequenissima compressibilidade. O seu pezo especifico está para o do ouro como 1 para 19,25. É 770 vezes mais pezado do que o ar.

Aprezenta-se de baixo de tres formas: liquida, solida e gazosa. Passa do estado liquido para o solido por dous modos: — 1.º por congelação; diminue nesse estado progressivamente o seu volume até que chegue a sua maxima densidade (4 graus abaixo do zero); a partir d'ahi dilata-se o liquido e assim se explica a circumstancia de se despedaçarem os vasos em que está quando a agua vem a gelar. 2.º Passa tambem a agua para o estado solido combinando-se com saes e outras materias, taes como gesso, cal, &c. Passa como todos os outros corpos, para o estado gazoso, pela acção do calor. Chama-se agua, segundo a sua maior ou menor pureza, *distillada, ordinaria e mineral*. A agua distillada separada de todos as outras substancias extranhas, obtem-se com um alambique. A agua ordinaria contém varios saes que impedem quando são mui abundantes, que nella se coza a hortaliça e se dissolve o sabao. A agua mineral está saturada de substancias metallicas e tem maior ou menor influencia na economia animal.

A. de L.

(Continua).